



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

A DEMANDA DO SANTO GRAAL
COMO MODELO POLÍTICO FEUDO-VASSÁLICO

Camila Cardoso dos Santos

Monografia de Graduação
Brasília, dezembro de 2018



CAMILA CARDOSO DOS SANTOS

A Demanda do Santo Graal
como modelo político feudo-vassálico

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Brasília, para a obtenção de grau de bacharel e licenciatura em História, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho.

Brasília

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Claudete Maria dos Santos, por todo amor, dedicação e paciência, imprescindíveis para a realização desta monografia; à minha amada tia, Naelta Maria de Jesus dos Santos, *in memoriam*, e aos queridos amigos, Cícero Mariano de Paula e Astrogildo, pela confiança e apoio financeiro durante minha vida escolar – esta monografia também é fruto dos esforços destes três.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Maria Filomena Coelho, pelos seis semestres de intenso aprendizado. Obrigada, pela inesgotável paciência e cuidado, e por me proporcionar uma das melhores experiências na estrada do saber – minha grande inspiração; aos professores André Gustavo de Melo Araújo e Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, por me presentarem com o conhecimento e as instruções na produção de um trabalho acadêmico.

Meus agradecimentos também vão para os amigos queridos, que precisaram se acostumar à minha frequente ausência em prol da confecção desta monografia, em especial para Bruna Assunção Queiroz e Bruna Maria da Silva Caldas – sem o apoio de vocês talvez minha jornada não houvesse se iniciado; um agradecimento mais do que especial é dedicado à Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena, meu anjo do mundo acadêmico, desde a iniciação científica do meu lado e me ajudando incondicionalmente.

Por fim, agradeço ao meu padrasto, Waldemar Veríssimo, pelo carinho e apoio ao longo desses anos de estudo; aos amigos que fiz durante minha trajetória universitária e a todos os professores que passaram pelo meu caminho e que com certeza contribuíram imensamente para minha história.

O maior agradecimento vai para o Escritor da Vida.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a obra *A Demanda do Santo Graal*, o manuscrito português do século XIII, sob uma perspectiva histórica. A proposta é investigar de que forma as relações de vassalagem e o modelo clerical de sacralização da sociedade laica estão presentes na narrativa por meio do discurso da lógica feudal cristã. Compreendendo a utilização do mito arturiano por grandes monarcas do período medieval como forma de legitimação do seu poder – devido à importância e força que a imagem do rei Artur apresenta – torna-se possível traçar paralelos entre a moral cristã, o poder régio e o enredo que apresenta o Santo Graal como condutor da novela de cavalaria.

Palavras-chave: Baixa Idade Média, Relações feudo-vassálicas, Modelo clerical, Santo Graal, Rei Artur, Cavaleiros da Távola Redonda.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 – <i>A Demanda do Santo Graal</i> na historiografia	12
Capítulo 2 – Relações de vassalagem: o justo senhor, rei Artur, e seus fiéis, os cavaleiros da Távola Redonda	21
Capítulo 3 – Clericalismo e feudalismo	30
Considerações Finais.....	39
Referências	42
Declaração de Autenticidade	46

INTRODUÇÃO

Tanto quer ser como buscar as maravilhas da santa Igreja e as coisas escondidas e as maravilhas e os grandes segredos que Nosso Senhor não quis outorgar que alguém os achasse que estivesse em pecado mortal. A demanda do santo Graal é, pois, que ele separou os bons cavaleiros dos maus, como o grão e a palha. E quando ele separar os luxuriosos dos bons cavaleiros, então mostrará a estes homens bons e a estes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do santo Graal.¹

É véspera de Pentecostes! Em Camelot a corte do rei Artur se reúne para comemorar uma das mais importantes celebrações cristãs. Cavaleiros, damas e todo o povo estão em alvoroço, e o rei Artur está muito feliz por confraternizar junto aos seus mais fiéis companheiros da “mesa” redonda. O clima é de contentamento e harmonia. Estes são registros dos últimos momentos antes de iniciada a grande, mais sagrada e importante aventura. A busca pelo santo vaso está prestes a começar.

A *Demanda do Santo Graal* apresenta uma narrativa composta de vários episódios cheios de aventuras de diversos tipos. Há o cavaleiro cortês que mostra toda sua valentia e coragem para salvar uma donzela em perigo; outro que mata a própria irmã para honrar sua palavra, outros tantos que buscam a vingança pela morte de um confrade querido, entre muitos outros casos. Tudo com o propósito maior de desvendar as grandes maravilhas do santo Graal.

Trata-se de mais uma versão do mito arturiano na qual o rei Artur, um dos mais famosos e lendários monarcas da literatura² se transporta para um segundo plano, pois o protagonismo das ações, na maior parte da narrativa, pertence aos cavaleiros da Távola Redonda. Sua presença, entretanto, é importante na medida em que a lealdade de seus vassalos, os mais nobres cavaleiros do reino de Logres, se deve à sua postura de rei justo e bom.

Há muitos séculos, as lendas arturianas têm despertado grande interesse e curiosidade de estudiosos e apreciadores das incríveis histórias do famoso rei Artur e seus lendários cavaleiros da Távola Redonda. O próspero e único reino fictício de Camelot e toda a sua população de nobres senhores, de honrados cavaleiros, de belas e desejadas damas, tornou-se um arquétipo. Personagens do mundo fantástico, como o mago Merlin e a feiticeira Morgana, passaram a compor o imaginário desde a passagem

¹ MEGALE, Heitor (trad.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 140.

² Não cabe a este trabalho tratar da figura de Artur como um guerreiro ou rei histórico. Muitos estudos se preocupam em comprovar se houve, ou não, alguma figura que se aproximasse das características atribuídas a ele. Esta pesquisa trabalha unicamente com o personagem e suas características dentro de um modelo histórico.

da antiguidade ao medievo e ainda continuam a ser amplamente explorados pelo universo da literatura, da dramaturgia, da cinematografia e também no âmbito acadêmico.

A partir de uma breve pesquisa na Internet, é possível encontrar um significativo número de artigos, monografias, dissertações e teses que tratam da temática. Seja no campo da linguística ou das ciências humanas, muitos estudantes, pesquisadores, e amantes do assunto, se propuseram a analisar, a partir de diversas perspectivas, o conteúdo do mito arturiano, almejando desvendar, a cada leitura, novos tópicos e diferentes influências de uma lenda que permanece viva a cada geração.

É interessante observar que muitos têm sido os trabalhos acadêmicos feitos no campo da História sobre o mito arturiano. O foco não se encontra mais somente em interpretar os resultados de resquícios encontrados em escavações arqueológicas na tentativa de se comprovar a existência ou não desse lendário monarca.

Muitas das fontes utilizadas pela historiografia são trechos, ou até mesmo textos na íntegra, da literatura produzida na época em que o mito começou a ser explorado. O mundo medieval, que se mostrou muito rico com a atividade cultural dos trovadores, foi responsável por difundir as narrativas de grandes heróis, conhecidas como novelas de cavalaria. As novelas ou romances de cavalaria eram narrativas sobre as aventuras e proezas dos mais famosos heróis na Idade Média. Pela ação dos recitadores e cantores que difundiam o ideal cavaleiresco, a circulação das obras arturianas em Portugal se tornou ampla, principalmente a partir do reinado de Afonso III (1248-1279), quando se comprova a produção de versões manuscritas.³

A *Demanda do Santo Graal* constitui-se de uma novela de cavalaria produzida na França no século XIII, período de prosificação e cristianização da Matéria da Bretanha. A expressão foi forjada pelo poeta francês Jean Bodel no século XIII para diferenciar das expressões Matéria de Roma e Matéria de França. Dentre os assuntos presentes, pode-se citar a Távola Redonda, o santo Graal, a cavalaria Bretã, entre tantos outros do contexto literário do mito arturiano na época.⁴ Esta chega a Portugal por meio do ciclo pós-vulgata ou *Pseudo-Boron* em meados do século XIII, composta pelas obras

³ ZIERER, Adriana. Artur nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I): A Demanda do Santo Graal. In: *Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal: Uma outra viagem pela Idade Média*. São Luís: Editora UEMA, 2013, p. 219.

⁴ MEGALE, Heitor. Matéria da Bretanha: da França ao Ocidente da Península Ibérica. *Anais dos Encontros de Estudos Românicos*, 1995, p. 11. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br Último acesso em 23 set 2019.

*A estória de José de Arimatéia, Merlin e A Demanda do Santo Graal*⁵. A novela relata as aventuras vividas pelo lendário rei Artur e os famosos cavaleiros da Távola Redonda, os quais viviam na corte de Camelot, em busca pelo cálice sagrado.

O manuscrito português é o resultado de uma adaptação do texto francês da Pós-Vulgata (*Post-Vulgata*) – o qual consiste em um conjunto de textos literários medievais sobre as lendas arturianas, produzidas em francês em meados do século XIII – tendo grande importância por ser um dos mais completos entre todas as versões existentes ainda nos dias atuais. Tal documento sobrevive, como cópia do século XV, do reinado de D. Duarte (1420-1438), na Biblioteca Nacional de Viena – *Österreichische Nationalbibliothek*, catalogado como ms. 2594, sob o título “*A historia dos cavaleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal*”. O códice contém 199 fólios compostos de duas colunas, frente e verso, escrito em letra gótica.⁶

A figura do rei Artur em *A Demanda do Santo Graal* é a de um monarca bom, justo e corajoso, que não mede esforços para manter a ordem e a paz em seu reino. Um modelo a ser seguido por muitos monarcas medievais. Os cavaleiros da Távola Redonda, amigos e servos fiéis de Artur, são um ótimo exemplo explicativo da relação feudo-vassálica, na qual o suserano e o vassalo estão ligados por uma rede intrínseca de serviços e benefícios. O poder do senhor garante os benefícios e riquezas necessários ao crescimento das terras e provê justiça, em troca do serviço e fidelidade dos vassalos e súditos do reino.

A professora Adriana Zierer explica que o Graal conduz a narrativa no romance, deixando a figura do rei Artur em segundo plano. O cálice é o símbolo da manifestação de Deus, alimentando material e espiritualmente os seres humanos, aproximando os iluminados dos mistérios divinos e realizando milagres.⁷ O cálice – ou vaso – é considerado uma relíquia sagrada por ser detentor de atributos que atraem prosperidade e riqueza para quem o possui. Apresenta esse caráter sagrado pela crença de ter sido usado por Cristo na Última Ceia e por José de Arimateia ter recolhido nele um pouco do sangue daquele no momento de sua crucificação. Desta forma, “a demanda ao Graal representa a busca simbólica pelo estabelecimento do Reino Celeste na Terra, através de seu objeto mais perfeito, o Santo Vaso.”⁸

⁵ *Ibidem*, p. 220.

⁶ MEGALE, op. cit., p. 9.

⁷ ZIERER, op. cit., p. 222.

⁸ *Idem*.

Com a cristianização da Matéria da Bretanha, as narrativas sobre o lendário Artur e seus mais leais cavaleiros ganham um caráter moralizador, pois as condutas dos cavaleiros e dos personagens que habitam Camelot são definidas e julgadas pela Igreja Católica e por todo o séquito hierárquico que a comanda, mostrando o quanto os princípios cristãos têm força normativa e poder de controle social, e quanto o descumprimento de tais parâmetros prejudica não somente o indivíduo, mas toda a sociedade, entendida como *respublica christiana*.

Em fins da década de 1980 é publicada uma tradução em português do Brasil do manuscrito do século XIII de *A Demanda do Santo Graal*. Pela primeira vez o texto traduzido para o nosso idioma é modernizado por completo, com base em cópia do século XV e nas edições Magne de 1944 e 1955-1970. O texto ficou sob os cuidados de Heitor Megale. É com base nessa tradução que esta análise de *A Demanda do Santo Graal* se apoia.

Influenciada pelas leituras de diversos trabalhos acadêmicos que estudam essa temática e que utilizam a mesma fonte literária, esta análise histórica e historiográfica almeja pesquisar e compreender melhor algumas estruturas características da baixa Idade Média que aparecem com frequência no corpo da narrativa e retratam a lógica do sistema feudal, conduzida e controlada pela aristocracia clerical e laica do período.

A monografia compõe-se de três partes que vão discorrer sobre a íntima relação que se constata entre a obra e a cultura política e social do medievo. Serão analisadas as relações de vassalagem entre o lendário monarca Artur e seus fiéis cavaleiros da Távola Redonda nas quais se observa uma crescente penetração do modelo clerical, cada vez mais presente em vários aspectos da sociedade feudal do século XIII.

O primeiro capítulo constitui-se de um exame acerca das principais abordagens historiográficas brasileiras sobre a obra em questão. Os aspectos mais notáveis e relevantes que serviram de base para estudos de muitos pesquisadores que se dispuseram a destrinchar o mundo do mito arturiano por meio da História e da Literatura. Algumas pesquisas e suas maiores e determinantes preocupações analíticas constam nesse primeiro momento do trabalho. Personagens, episódios e características da obra são considerados à luz da historiografia medieval, produzindo materiais valiosos e significativos para o aprimoramento do saber sobre a cultura política do medievo.

Já no segundo capítulo, se procurará mostrar a forma como se estabelece a relação de vassalagem entre o rei Artur e os seus cavaleiros, por meio do discurso da

fonte. A proposta é entender de que modo a sociedade feudal é retratada no fictício reino de Logres e compreender como a narrativa explora os ideais da cavalaria e do feudalismo no seu contexto. A análise se desenvolve com o auxílio da historiografia, tentando articular a proposta de compreender essas relações de dependência vassálica por meio da lógica de serviço e benefício da sociedade feudal.

O terceiro e último capítulo continua a analisar essas relações, porém, incidindo mais sobre as estratégias de clericalização do modelo cristão de sociedade que extrapolam o âmbito eclesiástico e englobam o mundo laico. Da realeza à cavalaria nobiliárquica, todos devem se submeter aos padrões virtuosos clericais e se integrar numa grande rede de interdependências políticas e sociais cada vez mais sacralizadas.

CAPÍTULO 1

A Demanda do Santo Graal na historiografia

Apesar de já muito se ter escrito e publicado sobre a famosa novela de cavalaria, *A Demanda do Santo Graal*, ainda se encontram muitos trabalhos recentes – principalmente acadêmicos – na área das ciências humanas, contemplando, principalmente, a História e a Literatura. Um dos documentos mais utilizados para estudo é o manuscrito português do século XIII, de autoria anônima, traduzido do texto em francês.

A obra foi analisada a partir de diversos aspectos e perspectivas, como um instrumento para compreender melhor a mentalidade e a dinâmica das instituições do medievo. Na tentativa de entender melhor o funcionamento de instituições essenciais do período, como o clero, a realeza e a nobreza, personagens e eventos da narrativa são destrinchados com o intuito de se encontrar vestígios sobre o *modus operandi* da cultura política medieval ou, até mesmo, para se comprovar características das relações de poder e autoridade. Os personagens são construídos como modelos a serem seguidos, uma espécie de padrão de comportamento, e suas personalidades rendem análises profundas de como o homem e a mulher do medievo eram capazes de agir ou se expressar. Poder-se-ia afirmar que o conteúdo da narrativa se configura como um manual de comportamento ético e moral. Porém, no Brasil, esses trabalhos têm sido feitos, principalmente, no campo dos estudos literários, com pouca penetração na História. Neste capítulo, além de estudos de cunho mais literário, será usada também a produção de alguns historiadores brasileiros que, recentemente, analisaram A DSG, muito embora sem realmente explorar os aspectos que se pretende aprofundar nos capítulos a seguir.

As lendas arturianas, ou o mito arturiano, perpassam séculos de histórias, contribuindo para o imaginário de cada época de forma bastante eficaz. Assim, A DSG, como outras versões, são importantes documentos que contêm elementos estruturais, os quais ajudam a entender os modelos apresentados na sociedade medieval. A historiadora Adriana Zierer aponta a importância de um mito tão conhecido para se estudar e analisar as questões do poder:

O mito arturiano, centrado principalmente na figura de Artur e de seus cavaleiros e na imagem do Santo Graal foi utilizado para fins políticos pelos

grupos dominantes na Europa Ocidental na Baixa Idade Média, cada um deles visando o seu fortalecimento.⁹

Ainda sobre a cristianização do mito arturiano, a autora explica como a influência do cristianismo impactou na transformação da obra, antes repleta de elementos explicitamente pagãos de origem celta:

... influenciados pelo pensamento cristão, os escritores de *A Demanda do Santo Graal* transformaram o principal cavaleiro do relato num cristão perfeito, e a busca do Graal em uma aventura religiosa. [...] No romance fica claro que os clérigos pretendiam diminuir de vez os elementos pagãos da saga arturiana, substituindo-os por símbolos cristãos. [...] Através desta obra, portanto, também os *oratores* pretendiam o controle das camadas dirigentes e de toda a sociedade.¹⁰

Zierer observa que a obra foi utilizada por um grupo dominante, o clero, para atingir seus objetivos. Essa constatação oferece inúmeras possibilidades de análise da obra, contemplando aspectos religiosos, políticos e sociais da sociedade medieval. O principal elemento da narrativa, o Santo Graal, é usado para reavivar a fé dos cavaleiros da Távola Redonda em uma busca incerta, perigosa, mas sagrada e necessária. No contexto da história dos reinos cristãos A DSG pode ser colocada no das Cruzadas, ajudando a alimentar um imaginário cavaleiresco de jornadas audazes, incertas e altamente perigosas. As oito empreitadas oficiais que marcharam com o objetivo de libertar a Terra Santa são um exemplo do poder de convencimento e influência da Igreja sobre os fiéis, calcado em um modelo que sacraliza as virtudes do guerreiro e da guerra. A DSG constitui-se como manifestação literária produzida num momento de grande autoridade do clero e que auxilia na compreensão das estruturas sociais e políticas da época.

Ao realizar uma análise comparativa entre a Távola Redonda e a “Nova Cavalaria” de Raimundo Lúlio, Ademir Luiz da Silva discorre sobre as capacidades pedagógicas e moralizantes da narrativa cavaleiresca:

A Demanda do Santo Graal, muito mais do que um mero conto de aventuras, pode ser definido como um longo e complexo sermão. Um sermão politicamente motivado, inserido em dado momento histórico e relacionado a interesses específicos.¹¹

⁹ ZIERER, Adriana. O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII. In: *Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal*. Outra Viagem pela Idade Média. São Luís: Editora UEMA, 2013, p. 155.

¹⁰ Ibidem, p. 166.

¹¹ SILVA, Ademir Luiz da. Távola Redonda e a Nova Cavalaria de Raimundo Lúlio. In: *Revista Mosaico*, v.6, n.2, p.213-220, jul.dez. /201, p. 214. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2881-8585-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

A roupagem de um romance cavaleiresco converte-se, então, em uma estratégia para atrair a atenção dos que precisam assimilar as premissas de um discurso moralizador. Silva aborda em seu texto a força idealizadora de uma obra literária sobre toda a orientação religiosa e política de uma sociedade pautada pela conduta cristã. Inclusive, tal como sublinha o autor, a força do modelo cristão não se restringe a um discurso que pareça claramente religioso:

[os cavaleiros] cumprem uma vida ociosa, enquanto esperam a próxima aventura. O que leva à conclusão de que, a despeito d'A *Demanda do Santo Graal* ser sua passagem mais célebre, o ciclo arturiano nunca foi uma mitologia profundamente marcada pelo discurso religioso. Ele se encontrava sempre em suas entrelinhas. Seu foco principal era o aventureiro, a magia, o fantástico.¹²

Silva defende que a fantasia da obra, em meio ao místico e sincrético caráter da Idade Média, guia o enredo da aventura em busca do cálice sagrado. Por ter origem em lendas pagãs e ter sido cristianizado para a difusão de uma cultura religiosamente estruturada, a conclusão acima não parece carecer de bom fundamento.

Outra abordagem historiográfica a destacar é a de Ana Marcia Alves Siqueira, que expõe a estrutura e a conformação do mal na narrativa de A DSG. Sobretudo, nas linhas iniciais, esclarece a proposta da obra, apontando seus principais pontos:

Essa narrativa patenteia um momento culminante do processo de exaltação da cavalaria como modo de vida exemplar, pois as aventuras enfrentadas não exigem somente coragem, bravura e força dos cavaleiros, tampouco são empreendidas como meios de merecer o amor de uma dama, conforme a temática constante nos romances corteses da centúria anterior. Diferentemente do binômio heroísmo e amor, que fundamentou o ideal de cavalaria ao longo do séc. XII, a obra propõe o heroísmo aliado à fé e à castidade, para a realização da demanda maior, o merecimento do galardão espiritual.¹³

A autora explica que a obra difere de qualquer outra narrativa cavaleiresca pela forma de tratamento do assunto e pela junção da fé cristã aos ideais almejados pelos heróis da época. Tal perspectiva permite encontrar no texto elementos significativos de um processo histórico de transformação social, que tem como resultado o fortalecimento, especialização e elitização da ordem eclesiástica, cujo discurso, como vemos, transcende aquilo que consideramos hoje como âmbito religioso. Siqueira explica que A DSG representa um meio difusor das premissas do clero ao mesmo tempo em que se caracteriza por uma pregação das ideias a serem veiculadas pelo

¹² Ibidem, p. 218.

¹³ SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Configuração do Mal na Demanda do Santo Graal. In: *De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. Congresso Cavalaria, 2012, p. 87. Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/87-100.pdf>. Acesso em: 20 nov 2018.

“Renascimento medieval do século XII”.¹⁴ Assim como o bem e suas virtudes devem ser pregados, o mal ganha destaque em A DSG:

A obra revela, portanto, o importante papel desempenhado pela Igreja Católica quanto ao combate ao poder do Mal, sintetizado na figura do diabo, que age sempre com a clara intenção de desvirtuar o homem do caminho de Deus e da salvação.¹⁵

Fica clara a intenção da Igreja em difundir os preceitos cristãos, por meio da novela de cavalaria, tanto pela pregação do bem, como pela imposição do medo que se arquitetava com relação ao mal e à sua figura mais representativa e maléfica, o diabo.

Em sua dissertação de mestrado sobre o modelo e o papel da cavalaria em A DSG, Neila Matias de Souza entende que o foco da narrativa cavaleiresca se encontra ancorada na questão religiosa, porém com toda a fascinação que as aventuras dos nobres cavaleiros e o encanto do amor cortês despertavam no imaginário e na mentalidade da sociedade medieval:

[...] nessa novela da Matéria da Bretanha, os feitos de cavalaria e os enlacs amorosos foram profunda e inteiramente adaptados a uma intenção religiosa. Portanto, o que há de importante não são as lutas cavaleirescas por si só, mas o quanto elas significam na aproximação com Deus.¹⁶

Como estratégia para que a nobreza cavaleiresca – que apresentava um comportamento bastante belicoso na época – compreendesse e absorvesse melhor os preceitos cristãos e tivesse um modelo de virtude, fé e coragem a seguir, a DSG pode se configurar como um importante e proveitoso elemento disciplinador de condutas. Para a autora, o conteúdo de A DSG diverge do que é apresentado nos romances corteses. Nestes, a preocupação centra-se em torno do ego do cavaleiro, em sua capacidade de realizar grandes façanhas e de se enaltecer perante as donzelas. Na novela de cavalaria da Matéria de Bretanha a preocupação recai sobre o aprimoramento espiritual e a aproximação com o plano divino.¹⁷

Em um artigo em conjunto que trata da educação cristã e da literatura laica na Idade Média, Hilda Magalhães, Eliane Testa e Izabel Teixeira destacam também o peso da influência da Igreja no que tange ao direcionamento do conteúdo das novelas de cavalaria:

¹⁴ Ibidem, p. 88.

¹⁵ Ibidem, p. 98.

¹⁶ SOUZA, Neila Matias de. *Modelando a Cavalaria: Uma análise da Demanda do Santo Graal*. Dissertação de Mestrado. Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011, p. 70. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1547.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

¹⁷ Ibidem, p. 71.

A educação cristã é, portanto, a responsável por grande parte da aura de mistério que se instaura nos romances de cavalaria, cujas estórias começam sempre com a ocorrência de algum fato mágico, a partir do qual os cavaleiros resolvem colocar-se à prova, buscando, cada um, o seu próprio caminho, na tentativa de desvendar um mistério divino. No caso da novela *A demanda do Santo Graal*, o *Graal* é o próprio mistério, o objeto de desejo de todos e também a metáfora da busca individual, do autoconhecimento.¹⁸

Os esforços do clero para “despaganizar” o mito arturiano em suas mais importantes versões e vertentes foram bastante significativos, como se comprova na cristianização da Matéria da Bretanha, da qual A DSG é um exemplo significativo. As autoras analisam o romance de cavalaria do ponto de vista pedagógico, concluindo que o clima de mistério da narrativa prepara o terreno para que os princípios cristãos pudessem ser disseminados e assimilados pelos fiéis. Em outro excerto do artigo, o argumento fica mais claro: “a influência da educação cristã se verifica também na conformação dos personagens dos cavaleiros da Távola Redonda. Se Artur e Merlin remetem às entidades míticas celtas, os demais representam a figura do herói tipicamente cristão [...]”¹⁹

Rita de Cássia Mendes Pereira, em seu artigo sobre os arquétipos monárquico e cavaleiresco na corte do rei Artur, reflete sobre o poder simbólico do santo vaso e de como ele foi definidor do destino dos participantes da grande e sagrada demanda. Pereira explica a função do Santo Graal na narrativa e como sua partida do lendário reino de Logres deixam graves e importantes consequências políticas para o soberano e seus súditos:

A escolha de Camaalot como ponto de partida para a busca do Graal era um claro indicativo da situação privilegiada do Reino de Logres e de seu dirigente em relação aos desígnios divinos e à própria história da salvação. Abrigado dentro dos seus limites jurisdicionais, o Santo Graal exercia sobre o reino uma função ordenadora e fiadora dos princípios de soberania dos quais Artur era o proprietário. Mas, ao mesmo tempo, colocava-se, em relação ao universo arturiano, como um elemento antitético, inquiridor dos seus valores. Por isso, o desvendamento dos seus mistérios e a sua exclusão dos domínios de Artur redundam no esfacelamento do reino de Logres e na suspensão da atividade do seu titular.²⁰

¹⁸ MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. TESTA, Eliane Cristina. TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. O imaginário cristão nas novelas de cavalaria e nas cantigas de amor. *Mirabilia*, 6. Jun-Dez, 2006, p. 55. Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Downloads/DialnetOImaginarioCristaoNasNovelasDeCavalariaENasCantiga-2227063.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

¹⁹ *Ibidem*, p. 55.

²⁰ PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII. *Revista Brathair* 7(2), 2007: 50-79. P. 54. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/524-1628-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

O destino do Graal está estritamente ligado ao do reino de Logres e ao dos membros da demanda. A autora explica, assim, sobre a importância do objeto para a manutenção da ordem e do controle do reino, em intrínseca conexão com os princípios cristãos. Mais adiante, a autora faz um estudo do cavaleiro Galaaz, o predestinado a grandes feitos, o mais puro e nobre que reúne as qualidades aprovadas e incentivadas pela nobreza cavaleiresca e pela Igreja: “Galaaz é absolutamente fiel aos costumes da cavalaria e às funções, que busca divulgar por meio de atos e palavras. As noções de ética orientam o seu comportamento.”²¹ O Galaaz de A DSG possui os atributos de um nobre cavaleiro e de um perfeito cristão, sendo considerado o mais leal de seus amigos, de seus superiores, da cavalaria e, por consequência, dos preceitos cristãos.

Apresentando uma proposta de análise da narrativa a partir de seu propósito pedagógico e instrutivo, o artigo de Raúl César Gouveia Fernandes fornece também uma abordagem de A DSG na qual a instituição cavaleiresca, mais uma vez, encontra-se influenciada pelos preceitos propagados pela novela de cavalaria:

A Demanda do Santo Graal, tema deste trabalho, representa um momento culminante do processo de enaltecimento da cavalaria como forma de vida exemplar e superior. Nesta obra, as aventuras narradas já não requerem dos cavaleiros apenas força ou coragem, nem são justificadas como meios para conquistar o amor de uma dama, conforme uso comum nas canções de gesta e nos romances corteses do séc. XII. Heroísmo e amor, os dois elementos que haviam fundamentado a noção de cavalaria ao longo do séc. XII, revelaram-se afinal insuficientes para embasar o novo ideal humano: se a novela de cavalaria pretende ser instrumento de formação do homem na sua totalidade, o objeto de busca de seus protagonistas não pode ser nada menos que o sagrado, representado pelo Santo Graal. Ao chegar a este ponto, contudo, a literatura cavaleiresca revela em toda sua plenitude as contradições internas do próprio ideal que se propõe a difundir.²²

Apreende-se que, de fato, a preocupação maior em A DSG é enaltecer o caráter miraculoso e a vertente religiosa cristã da narrativa. Antes de todos os outros ideais que um cavaleiro deveria possuir, o mais importante e essencial deveria ser a fé, acima da coragem e da cortesia. Um elemento não exclui o outro, mas é notória a hierarquia dos atributos cavaleirescos na narrativa. Esse argumento também aparece em outro artigo de Adriana Zierer: “já no século XIII é construído ao lado do modelo do cavaleiro cortês, a ideia de que a defesa do cristianismo é o elemento mais importante para o bom

²¹ Ibidem, p. 62.

²² FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Maravilhas e aventuras n’ A Demanda do Santo Graal. *Espéculo*, 45, 2010. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero45/sinalesp.html>. Acesso em: 08 set 2018.

cavaleiro”.²³ A autora apresenta uma distinção entre os bons e os maus cavaleiros em A DSG, disserta sobre as qualidades e vícios que cada um dos grupos apresenta na narrativa e explica os atributos mais enfatizados pela obra:

No romance, o elemento mais valorizado é a castidade, ou melhor, a virgindade. Por este motivo, Galaaz entre todos os cavaleiros é considerado o mais perfeito e o escolhido para dar cabo das aventuras do Santo Vaso.²⁴

A cristianização do mito arturiano apresenta-se de forma elaborada e eficaz nesta passagem, e é cada vez mais perceptível o uso da Matéria da Bretanha como instrumento de legitimação do poder da Igreja perante a nobreza. Ainda sobre o artigo de Zierer que trata do ideal cavaleiresco em A DSG, há uma interessante menção ao papel da Igreja em promover a conversão, fossem eles pagãos ou “infíeis”, como no caso de muçulmanos. O caso de um cavaleiro é citado:

Palamades exemplifica na narrativa a religião muçulmana e a necessidade de conversão segundo a ótica cristã. Ele é considerado um bom cavaleiro chamado de o “bom cavaleiro pagão” e na Demanda sua principal atribuição é perseguir a besta ladradora, monstro que havia matado os seus onze irmãos. Enquanto não se converte ao cristianismo a sua perseguição a esse animal se mostra inútil. [...] O episódio destaca a importância de Galaaz e a defesa da religião cristã pelas armas, fazendo que um muçulmano se tornasse cristão.²⁵

Entra em cena a questão da guerra justa, ou guerra santa, pois é para um “bem maior” que os cristãos travam batalhas contra os infíeis no intuito de alcançarem a conversão total de todos os reinos. Assim, Zierer entrelaça a instituição nobiliárquica da cavalaria ao poder clerical em sua análise.

As estratégias de clericalização do discurso revelam-se, inclusive, em elementos marcantes, como o sangue. José Rivair Macedo, em *O Sangue nos Romances Arturianos*, faz um paralelo entre o sonho de Lancelot e o pecado da luxúria, revelando o simbolismo da impureza que esse fluido possui:

Na versão portuguesa da Demanda do Santo Graal, quando Lancelot sonha com Tristão e Isolda e os vê arderem nas chamas do Inferno sabe que o mesmo destino está reservado a si próprio e à Rainha Guinevere. Por este meio o compositor do romance identificou os dois heróis cavaleirescos com o pecado da luxúria, no qual está implícita a relação entre o sexo, o sangue e o fogo da paixão.²⁶

²³ ZIERER, Adriana Maria de Souza. Eleitos versus Pecadores: O ideal cavaleiresco n’ A Demanda do Santo Graal. *Revista Crítica Histórica*. Ano IV n° 7, julho-2013, p. 215. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/2914-10665-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/2914-10665-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 24 nov 208.

²⁴ Ibidem, p. 219.

²⁵ Ibidem, p. 221.

²⁶ MEGALE, Heitor (trad). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. JUNQUEIRA, Renata Soares. O triste destino de Tristão na versão portuguesa d’ A Demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, L. M. (Org). *Atas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais* (04 a 06 de Julho de 1995). São Paulo: USP; Campinas: UNICAMP; Araraquara: UNESP, 1995, p. 349-357. APUD MACEDO, José Rivair. O Sangue nos Romances Arturianos. *Revista Brathair* 3 (2), 2003: 35-43. P. 36. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/639-1764-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

O autor escolhe como protagonista não um episódio ou personagem, mas esse elemento essencial à vida, bem como os seus significados e simbolismos. Consiste em mais um recurso a ser analisado na narrativa, contribuindo para o enriquecimento da historiografia sobre a obra.

Outro aspecto também já trabalhado em A DSG é o da presença e influência do diabo na narrativa cavaleiresca, como se constata no mito arturiano cristianizado durante o processo de prosificação da Matéria da Bretanha. Em seu artigo, *As artimanhas do diabo em A Demanda do Santo Graal*, Ana Márcia Alves Siqueira apresenta uma análise sobre esse personagem no romance de cavalaria.

[É] objetivo de nossa análise, demonstrar como, ao longo das aventuras vividas pelos cavaleiros em demanda, a figura do diabo surge, utilizando diferentes estratégias, para desviá-los do caminho da salvação e condená-los ao inferno. As artimanhas diabólicas estão ligadas aos pecados da carne e às preocupações do período em que esta versão da *Demanda do Santo Graal* foi composta.²⁷

A partir de uma exploração dos personagens e eventos da narrativa, Ana Márcia Siqueira conclui que a figura do diabo age por meios sutis de manipulação e que seus planos maquiavélicos estão intrinsecamente ligados aos vícios e vicissitudes humanas, denotando o caráter falho do cristão: “[...] por meio desses exemplos de tentação diabólica, a *Demanda* revela que todos devem estar sempre vigilantes e fortalecidos na prática cristã, porque o diabo está continuamente à espreita.”²⁸

Por fim, em um último artigo escolhido para examinar as principais abordagens historiográficas sobre A DSG, novamente a professora Adriana Zierer, uma das medievalistas brasileiras que mais tem produzido academicamente sobre o tema, propõe uma análise a partir de uma perspectiva de gênero, que incide sobre o modo como é concebida a imagem da mulher na narrativa e de que forma isso afeta os eventos da aventura em busca do cálice sagrado:

[...] na *Demanda do Santo Graal* a visão sobre o feminino é muito diferente. Ela é dicotomizada entre as figuras de Eva e Maria, enfatizando-se principalmente os aspectos negativos das mulheres, associadas aos pecados.²⁹

Zierer esclarece, no entanto, que não só de aspectos negativos sobre o feminino consiste a obra, embora esses sejam predominantes:

²⁷ SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. As artimanhas do diabo em A Demanda do Santo Graal. *Revista Brathair* 12 (2), 2012, p. 87. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/757-2169-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

²⁸ Ibidem, p. 97.

²⁹ ZIERER, Adriana Maria de Souza. Imagens Femininas n’ A Demanda do Santo Graal. *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA* – Fortaleza, 2009, p. 3.

Com relação à imagem feminina, podemos apresentar uma série de exemplos negativos. Um aspecto fundamental é que a narrativa explicita claramente que os cavaleiros não poderiam ter aventuras amorosas e nem levar consigo mulheres na Demanda; quem assim fizesse não conseguiria encontrar o Santo Graal.³⁰

Apesar dos problemas e perguntas coincidentes e variados que pudemos constatar nos trabalhos que apresentamos neste capítulo sobre A DSG, entendemos que as possibilidades de análise e pesquisa sobre o assunto não se extinguem, mas aumentam à medida que se estuda mais sobre o mito arturiano. Corpos documentais da Idade Média de cunho literário são valiosos e podem fornecer muita informação para a produção de trabalhos historiográficos, pois o imaginário e a mentalidade do medievo são fruto das maneiras como as mulheres e os homens traduziram e interpretaram a sua vida naquele tempo.

Seja uma análise de cunho social, cultural ou político, com ênfase nos personagens, nos episódios ou em elementos específicos da narrativa, A DSG é importante documento para a compreensão dos modelos e padrões de comportamento dos homens pertencentes a um determinado extrato social do medievo, de como se operavam os graus de poder, autoridade, hierarquia e obediência em um tempo onde a lógica feudal e cristã ditava as normas e almejava converter os infiéis para salvar as almas, bem como doutrinar e moldar a conduta da sociedade.

³⁰ Ibidem, p. 4.

CAPÍTULO 2

Relações de vassalagem: o justo senhor, rei Artur, e seus fiéis, os cavaleiros da Távola Redonda

E quando chegaram ao assento perigoso, encontraram leteiro recentemente escrito que dizia: “A quatrocentos e cinquenta e três anos cumpridos da morte de Jesus Cristo, em dia de Pentecostes, deve haver este assento senhor”. [...] – Por Deus, disse Lancelote, quando esta maravilha ouviu: pois hoje deve haver senhor, porque da morte de Jesus Cristo a este Pentecostes há quatrocentos e cinquenta e três anos. E bem quererá, se pudesse, que este leteiro ninguém visse, até que viesse aquele que o há de acabar.³¹

A novela de cavalaria nos informa da data em que se passa a história. O ano é 486 d.C.³². Entretanto, trata-se de uma fonte produzida no século XV, com base em uma cópia do século XIII. O contexto em que foi escrito o romance é o da baixa Idade Média, estruturado por algumas características marcantes como a de uma sociedade feudal fragmentada politicamente pelo poder dos grandes senhores e fortemente influenciada pela padronização da conduta da sociedade laica pelo modelo clerical. Com base nesses pilares característicos, trataremos de analisar, neste capítulo, os aspectos feudais da cultura política que a narrativa encerra.

Apesar da figura do rei Artur em *A Demanda do Santo Graal* não se destacar tanto quanto em outras versões das lendas artúricas, sua imagem como representante de poder e autoridade evidencia sua importância para o enredo da narrativa. Rita de Cássia Mendes Pereira disserta sobre esse caráter de monarca virtuoso e enaltece o papel da cavalaria da corte do rei Artur, uma das melhores e mais conceituadas:

Artur era, na Demanda do Santo Graal, a mais importante referência no tocante a poder e riqueza. Encontramos, no decorrer da narrativa, diversas referências ao reino arturiano como exemplo maior de riqueza e ao próprio Artur, ao seu corpo de soberano, como modelo de construção para os mais ricos e formosos objetos. No seu séquito, submetidos às suas ordens e aos seus interesses, encontram-se inúmeros cavaleiros, nobres e mesmo reis. Às demonstrações permanentes de fidelidade e obediência dos cavaleiros de sua corte, somam-se as constantes manifestações externas de reconhecimento de seu poder. Sua cavalaria é a mais respeitada de Camaalot, centro de irradiação do seu poder, era o mais importante ponto de referência para todos aqueles que saíam em busca de conhecimentos, conquistas e aventuras.³³

³¹ MEGALE, Heitor (trad.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 29.

³² A data informada está de acordo com o Calendário Juliano, no qual foram adicionados trinta e três anos (idade em que Cristo foi crucificado) ao ano informado em que haveria de ter um senhor no assento perigoso, sendo este, 453 d.C.

³³ PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII. *Revista Brathair* 7(2), 2007, p. 50-79.

Desta forma, depreende-se do trecho que o poder do rei Artur legitima-se, principalmente, pela garantia de fidelidade e obediência de seus cavaleiros, que o reconhecem como um modelo de soberania justa e eficiente. Respeito, obediência e lealdade são comportamentos e atitudes fundamentais nas relações de vassalagem, de acordo com o modelo feudal. Em *A DSG* encontra-se uma série de discursos que emanam da estrutura da cultura política desse sistema.

A lógica do serviço e benefício, pela qual o senhor concede mercês/benefícios/feudos, em troca do serviço do vassalo, encerra um contrato entre partes de distintas esferas sociais. A hierarquia é um elemento essencial, pois a relação entre suserano e vassalo precisa estar bem caracterizada nesse compromisso estabelecido pelas duas partes. Entretanto, para que esse pacto possa estar legalmente fundamentado – e isto não se reduz ao formalismo e legitimidade de documentos escritos, mas baseia-se principalmente na palavra, gestos e costumes da época – tanto o senhor quanto o vassalo devem se comprometer a cumprir sua parte.

Isto não interfere, de forma alguma, na questão hierárquica acima apontada, e na distinção das posições e dos papéis a cumprir por cada um dos lados, tal como sublinhado por Jean Flori em *A Cavalaria – A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, quando discorre sobre o serviço de vassalagem dos cavaleiros para com o seu rei e/ou senhor: “em outros termos, a causa do serviço armado dos cavaleiros é a autoridade do rei sobre seus condes, do senhor sobre seus vassalos. Ou melhor ainda, é o elo de vassalagem pelo qual se expressa essa autoridade.”³⁴ Portanto, a reciprocidade no cumprimento do compromisso das partes faz-se necessária para que o acordo seja executado, mas a engrenagem que o mantém em funcionamento é justamente o poder de comando por parte do suserano, que deve se portar como tal, de acordo com sua posição hierárquica.

Em se tratando da autoridade régia, Perry Anderson em *Passagens da Antiguidade ao feudalismo*, explica, todavia, que no topo dessa relação pode se encontrar, paradoxalmente, o elo mais fraco, pois “... o monarca era um suserano feudal de seus vassalos, aos quais estava ligado por laços recíprocos de fidelidade, e não um soberano supremo colocado acima de seus súditos.”³⁵ Anderson enfatiza que, apesar da autoridade, a questão de um equilíbrio de poder é justamente o que viabiliza uma

³⁴ FLORI, Jean. *A Cavalaria. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. Tradução de Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005, p. 58.

³⁵ ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao feudalismo*. Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 169.

razoável execução de cada uma das partes no compromisso de fidelidade. Esse contraponto nos ajudará a delimitar um pouco melhor os limites da análise para, então, compreender tais estruturas dentro da narrativa.

A primeira passagem escolhida, na qual é possível contextualizar essa relação feudo-vassálica, se encontra logo no início da narrativa. No momento em que os nomes dos cento e cinquenta cavaleiros da mesa redonda são mencionados, nas vésperas de se iniciar a demanda, uma frase se destaca pela ênfase no juramento de lealdade e fidelidade entre as duas partes:

Todos estes de que vos eu antes disse os nomes eram da mesa redonda, e não houve um que não fosse cavaleiro escolhido e provado de muito boa cavalaria. Rei Artur, sem falta, está com eles, e com ele, sem falta, são cento e cinquenta.³⁶

Neste ponto se reforça uma das características mais marcantes da lógica relativa à fidelidade entre as duas partes. A promessa de apoio recíproco e o juramento de se apresentar ao outro quando fosse necessário e conveniente, denotam a relação feudo-vassálica que, *a priori*, se institui no pacto.

A obediência e submissão do vassalo ao suserano não são impeditivas para uma relação afetuosa e amigável. A relação é hierárquica e igualitária – variando de acordo com cada contexto –, desde os seus ritos institucionais até a execução dessas relações no cotidiano feudal. Tal como compreende Baschet, em *A Civilização Feudal*, quando discorre sobre as relações de feudalidade e da organização aristocrática: “trata-se de uma relação ao mesmo tempo muito próxima e hierárquica, que se colore de um valor quase familiar, como indicam os termos empregados: o *senior* é o mais velho, o pai; o *vassus* é o jovem, que também pode ser qualificado de *homo* ou *fidelis*.”³⁷ Seguindo a Baschet, se percebe no trecho da narrativa uma relação intrínseca de mútuo apoio, na qual há fidelidade entre os dois lados, embora seja a autoridade do suserano que dá legitimidade ao vínculo desse pacto.

Em outro ponto da narrativa, quando da guerra do rei Artur contra o rei Mars de Cornualha, relata-se o momento em que aquele convoca a ajuda de todos os seus vassalos para que cumprissem suas obrigações militares em nome da defesa do reino: “tanto disse o cavaleiro que o rei se confortou e mandou buscar por toda sua terra, o mais depressa que pôde, todos aqueles que dele tinham terra, para que o viessem

³⁶ MEGALE, op. cit., p. 51.

³⁷ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 122.

socorrer em tão grande combate. ”³⁸ E logo em seguida temos um relato da comoção e da honra que sentem os que irão combater em nome do grande rei, que se encontra ferido por um golpe do rei Mars:

Quando os **vassalos** do rei Artur viram seu senhor por terra, tiveram tão grande pesar que meteram tudo em aventura. Então veríeis os bons cavaleiros. Então veríeis os atrevidos. Então veríeis os valentes. Então veríeis os leais. Então veríeis como lhe mostravam o verdadeiro amor que lhe tinham, porque ali onde estava por terra ferido, que não se podia erguer, meteram-se eles por entre seus inimigos, até que chegaram por força a ele e o puseram no cavalo e levaram-no à cidade, apesar do rei Mars e de sua companhia.³⁹

É mais perceptível, neste trecho, a relação de afeto dos cavaleiros da demanda por seu grande monarca. É importante ressaltar que, num momento de autoridade tão fragmentada como o período em que se estruturou o feudalismo pela Europa medieval, não só o poder dos senhores condes e duques, mas principalmente o do rei, carecia, muitas vezes, pelas circunstâncias políticas, de um relacionamento amistoso com seus vassalos e súditos.

Em um sistema, como o feudal, cujos lances políticos costumam ser apresentados como fruto dos casuísmos e das circunstâncias, o jogo de interesses personalistas e instáveis era a chave para negociações e acordos de todo o tipo. O equilíbrio, então, pode ser traduzido como um pêndulo, no qual ora algo se adequava às necessidades, ora não mais. Nessa perspectiva, o certo e o errado, como conduta, aparecem também como extremamente cambiantes, dando a sensação de terem pouca aderência e efetividade social.

Ainda no tocante à lógica feudal, em outro trecho, no capítulo que é revelada a Artur a deslealdade de Lancelot⁴⁰ — pois até este momento na narrativa, por mais que o rei desconfiasse, não o sabia oficialmente — uma fala do monarca, ao ordenar que lhe contem o segredo que insistiam em manter, relembra o dever dos vassalos para com o seu senhor: “— Por Santa Maria, disse o rei, sabê-lo quero eu. Eu vos digo, pelo **compromisso** e pelo **juramento** que me fizestes, que me digais. ”⁴¹

Os grifos — nossos — nas palavras compromisso e juramento enfatizam a importância que ambos os termos tinham para o acordo entre ambas as partes. Assim como o gesto e o objeto, a palavra era um dos elementos simbólicos no rito de

³⁸ MEGALE, op. cit., p. 343.

³⁹ Ibidem, p. 344-345.

⁴⁰ É de conhecimento de boa parte dos leitores das versões do mito arturiano que o cavaleiro Lancelot, o mais fiel e corajoso cavaleiro da Távola Redonda e melhor amigo do rei, mantém um relacionamento amoroso com Guinevere, a grande rainha e esposa de Artur.

⁴¹ Ibidem, p. 472.

vassalagem ⁴², como expressa Le Goff. E como meio de se lembrar da validade do pacto, a invocação do que foi prometido é evocado por uma das partes, em momentos cruciais, como o trecho da narrativa apresenta.

Ainda sobre a obrigação de se revelar a traição de Lancelot e Guinevere ao rei Artur, outro trecho expõe novamente o dever dos vassallos em dizer a verdade. Agora o pedido vem de Morgana, irmã de Artur, que ordena aos irmãos Galvão e Gaeriete que o façam:

– Pois assim é, disse ela, conjuro-vos, pela fé que me deveis e pela coisa do mundo que mais amais, que digais a meu irmão a verdade de Lancelote e da rainha. E o devei fazer, porque sois seus **vassallos** e seus **jurados**, e se lhe mais encobrires, sereis perjuros e desleais. E se ele é tão louco ou de tão boa vontade que em vós não quer acreditar, vós lhe sois tão chegados amigos, que o deveis disso vingar, o mais depressa que puderdes. ⁴³

Nesta fala de Morgana evidencia-se o peso da obrigação dos cavaleiros e vassallos do rei em contar sobre a traição. São vassallos e jurados, pelo que, se é deslealdade e perjuro não contar a verdade, também se constitui como falta grave não vingar o rei por tal traição. Em ambos os casos romper-se-ia o pacto de fidelidade entre senhor e vassallo.

Tão marcadamente se expressa essa questão na narrativa que, em outro trecho se relata a preocupação de mais um vassallo do rei Artur, que também sabia da desonra e se sentia culpado por não cumprir com seu dever de contar o ocorrido. Esse conde chama-se Arnaldo, e roga ao ermitão e a alguns cavaleiros que o acompanham em uma caminhada rumo ao seu castelo, para contar tudo a Artur. Novamente, a palavra vassallo está grifada para destacar a posição hierárquica da relação feudo-vassálica:

– Senhor, sinto-me muito culpado para com o rei Artur, de quem sou **vassallo**, porque sei e vi a traição de Lancelote e de sua mulher e nunca lho disse. Ora o digo a vós e rogo-vos que o digais ao rei Artur. E se disserdes, creio que mandará guardar sua mulher, de modo que jamais tal erro e tal pecado fará. ⁴⁴

A inserção do termo vassallo tem sido bastante recorrente nesses excertos, o que ajuda a reforçar a ideia de que o pacto de fidelidade é de extrema importância e validade na corte do rei Artur e em todo o reino de Logres. A preocupação em cumprir o seu dever como uma das partes do contrato se mostra bem assinalada.

⁴² LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Tempo Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 328.

⁴³ MEGALE, op. cit., p. 223.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 331.

Destaca-se outra passagem em que a relação de vassalagem sobressai. Trata-se do conselho que um dos vassallos de Artur lhe oferece sobre a maneira prudente de proceder, diante do sofrimento que padecia o monarca provocado pela fuga da rainha:

– Senhor, **sou vosso vassallo** e de bom grado devo aconselhar-vos o que seja em vossa honra e em proveito do reino. Nossa honra, sem falha, é vingar com a nossa força, mas quem em proveito do reino quisesse olhar, não cuido que começasse guerra contra a linhagem de rei Bam de Benoit, porque vemos que Nosso Senhor os exaltou tanto sobre todas as outras linhagens, que se sabe que em força de gente e de boa cavalaria e de boa linhagem, não há que eu saiba, quem no mundo lhes pudesse muito prejudicar, estando eles em sua terra, senão vós; e, senhor, por isso vos rogo, por Deus, que não comeceis guerra contra eles, se não virdes que a podeis acabar muito bem, porque, certamente, a meu ciente, difícil será desbaratá-los.⁴⁵

Neste episódio, Lancelot foge com Guinevere, o que provoca a fúria de Artur, então pronto a iniciar uma guerra contra a linhagem do rei Bam de Benoit, que por muitas vezes, na própria narrativa, foi enaltecida como uma das melhores e mais fortes. O rei convoca um conselho para decidir sobre a atitude a tomar diante da traição. A dor do grande rei também se deve à perda de grandes cavaleiros, amados e fiéis, que foram assassinados por Lancelot, logo após a descoberta de sua traição, devido às lutas que se estabeleceram entre os cavaleiros da demanda que buscavam a vingança por seu rei.

O destaque vai para a forma como o rei Iom, vassallo do rei Artur, se reporta ao seu senhor, mantendo sua postura de respeito e obediência, e concordando que, por motivo de honra, a vingança deveria ser executada, mas que não seria de bom senso perseguirem tal objetivo, em se tratando daquele inimigo.

Novamente recorreremos a Jean Flori para melhor compreender os deveres das partes desta relação feudo-vassálica:

Não apenas o vassallo deve abster-se de prejudicar o seu senhor, mas também ele deve, mediante assistência recíproca, *ajuda* financeira em caso de necessidade, em circunstâncias que o costume determina ao longo do tempo; *conselho* ao mesmo tempo político e judiciário por ocasião das assembleias ou tribunais reunidos periodicamente; *assistência militar*, enfim, contra seus inimigos, segundo costumes também determinados ao longo do tempo.⁴⁶

As palavras do rei Iom ilustram perfeitamente uma dessas obrigações do vassallo para com o seu senhor. Houve um momento onde a sabedoria se traduziu em forma de conselho, o vassallo rei Iom cumpre seu dever para com o senhor rei Artur, não deixando de se portar sempre com respeito e humildade, mas mostrando que, em prol de um bem maior, seria mais sensato tomar outro caminho. Mais uma vez, o compromisso em servir ao seu senhor, seja por meio das armas, ou das palavras, se apresentou na novela

⁴⁵ Ibidem, p. 487.

⁴⁶ FLORI, op. cit. p. 58.

de cavalaria. O desfecho do episódio, entretanto, não segue o conselho do rei Iom, e Artur opta pela alternativa beligerante, pois não ousa romper o costume que exige satisfação bélica para casos de traição. A vontade do soberano, sabiamente ou não, se sobrepõe em questões decisivas, afinal. Artur neste momento manifesta sua atribuição de rei juiz, à qual se agrega a prerrogativa jurisdicional de tomar decisões e de fazer justiça. O monarca se estabelece como a cabeça política do sistema dentro do modelo corporativo feudal, que vai ao encontro do modelo clerical proposto pela Igreja.

Para entender melhor a relação da cavalaria como uma instituição importante para o fortalecimento do modelo feudo-vassálico e da monarquia feudal, é interessante entender o seu conceito de um modo geral. Com isso, mais uma vez, Flori esclarece:

[...] a cavalaria no sentido em que a entendemos em geral, um tipo de entidade socioprofissional guerreira e honrosa, de caráter institucional, que tem seus ritos, seus costumes, sua moral própria, investida de uma função e até de uma missão. [...] O serviço militar devido pelos vassallos a seu senhor é um dever evocado por todos os teóricos da vassalagem.⁴⁷

É sobre esse caráter de missão que se fundamenta a fidelidade dos cavaleiros da Távola Redonda ao rei Artur, em *A DSG*. A narrativa estabelece uma proposta modelar de conduta das relações de vassalagem. Incrustar ideais de obediência, lealdade e fidelidade – oriundos da lógica do serviço e benefício – na mentalidade dos cavaleiros, evidencia o propósito de moldar os padrões da época.

De acordo com uma proposta teórica mais ampla do feudalismo, Alain Guerreau entende que:

[...] no âmbito da Europa feudal, há que raciocinar fundamentalmente em termos de poder e não de direito [...] a originalidade fundamental das relações feudais deve ser, pelo contrário, procurada na assimilação total do poder sobre a terra e **do poder sobre os homens**.⁴⁸

Não cabe aqui tratar do modo de produção feudal, no tocante aos meios de produção e toda a panóplia econômica, mas sim da autoridade régia como suserana feudal. O monarca Artur se mostrou, por toda a narrativa, muito bem amparado e apoiado por seus leais e corajosos cavaleiros. É de fato uma relação amistosa e de grande consideração. Todavia, nos trechos aqui analisados – mas também em outras partes do romance – notou-se a necessidade de reforçar o ideal da cavalaria vassálica, detentora de privilégios, mas, sobretudo, dos deveres para com o seu grande senhor, o rei. A proposta é de corroborar o poder, neste caso, régio, como elemento propulsor das relações de vassalagem.

⁴⁷ Ibidem, p. 52.

⁴⁸ GUERREAU, Alain. *O Feudalismo*. Um horizonte teórico. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 218.

A tese de Adriana Zierer a respeito do propósito da narrativa recai sobre a necessidade de se reavivar os valores de duas grandes instituições medievais, a Cavalaria e a Igreja. Em seu artigo sobre o ideal cavaleiresco em *A DSG*, a autora sublinha a pertinência em se destacar algumas características do sistema feudal:

A Demanda representa um desejo de controle dos cavaleiros e de re-incutir os ideais de cavalaria que vinham desde as Cruzadas, transformando os cavaleiros em defensores do cristianismo e buscando suavizar a sua violência no intuito de conservação das estruturas da sociedade feudal.⁴⁹

Ao longo das aventuras contadas neste relato de ficção modelar, percebe-se que em muitos momentos é indubitável a presença de um discurso apaziguador dos ânimos mais exaltados, característico de cavaleiros que estavam sequiosos por guerra. Entretanto, é fundamental que se entenda a concepção de violência não como agressão física ou correlacionada a conflitos belicosos, mas sim como injustiça. A garantia de justiça verdadeira é a paz e quem a provê é a Igreja, que se coloca como agente incontornável do padrão de autoridade vigente, que molda e dirige os atores sociais que fazem parte desse cenário.

A passagem a seguir ilustra um momento incomum para a prática cavaleiresca da época, no que concerne o caráter beligerante de muitos representantes da ordem, destacando a alma nobre e o temperamento lúcido que deveriam possuir os cavaleiros cristãos:

– Ele me matou o pai, e se eu sua morte não vingo, pois o tenho à disposição, todo mundo me teria por mau; e, por outro lado, se matar rei Artur, que é o melhor rei do mundo e que sempre melhor e mais honradamente manteve a cavalaria do que outro rei, isto será a maior desventura e o maior pecado que nunca aconteceu na terra. – Certamente, disse o rei, se me matasse, não seria grande maravilha, porque sem falha lhe matei o pai. Mas por tão grande cortesia e por tão grande bondade como ele fez para mim, lhe daria eu o galardão de bom grado, se tivesse ocasião. E por lembrança de sua cortesia, trarei sempre esta espada, se desgosto me não fizer trocá-la por outra melhor. [...] Muito ficou o rei contente com aquela aventura que lhe acontecera e maravilhava-se de Samaliel como, sendo tão jovem, soubera fazer tão grande cortesia.⁵⁰

Neste trecho, como mesmo reconheceu Artur, foi grande a cortesia por parte do cavaleiro que tentou matá-lo, com a melhor das justificativas para a época. Apesar de possuir o motivo, a coragem e a oportunidade de fazê-lo, o cavaleiro escolhe não matar o rei por achar que este seria um mal maior do que mantê-lo vivo sem a vingança pela morte de seu pai. A leitura mais apurada permite interpretar a passagem de forma

⁴⁹ ZIERER, Adriana Maria de Souza. Eleitos versus Pecadores: O ideal cavaleiresco n' *A Demanda do Santo Graal*. *Revista Crítica Histórica*. Ano IV n° 7, julho-2013, p. 225.

⁵⁰ MEGALE, op. cit., p.410-411.

exemplar, por meio da qual um cavaleiro coloca seu dever de vassalo do rei adiante da honra de sua família. Mas cabe a interpretação também de que o personagem não deixou de evocar o dever familiar e de avaliar a situação. Novamente, a obrigação de um nobre vassalo para com seu superior se revela – de acordo com esse entendimento – eficiente dentro da organização feudal.

Por fim, o que se constata nesta análise da narrativa cavaleiresca do mito arturiano é uma reflexão a respeito de como se evidencia o caráter de dependência da relação feudo-vassálica no fictício reino de Logres. A narrativa enaltece certos elementos essenciais da lógica feudal como se almejasse estabelecer, ou ditar os modos de como deveria ser uma monarquia feudal. E esta expressão, que como disse Fourquin em *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*, atribuído à figura de Petit-Dutaillis, oferece uma boa definição: “uma monarquia é feudal quando o rei retira o essencial do seu poder das suas prerrogativas feudais.”⁵¹

⁵¹ FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970, p. 99.

CAPÍTULO 3

Clericalismo e feudalismo em prosa

No decorrer do capítulo anterior sobre a análise da cultura política do baixo medievo em A DSG, relativamente à lógica feudal cristã, observou-se que, apesar de não possuírem a primazia na condução do processo, os cavaleiros da Távola Redonda – vassallos do rei Artur – assumem papel de destaque ao longo da narrativa.

Neste terceiro e último capítulo, a proposta é concatenar as ideias apresentadas introduzindo a atuação da Igreja Católica dentro das relações feudo-vassálicas como figura incontornável do processo de clericalização da sociedade laica e expor, por meio do discurso da novela, as principais referências e características desse vínculo de vassalagem.

Religião e política estão profundamente entrelaçadas na Idade Média. As duas esferas se fundem ao âmbito social e se estruturam como elementos correlacionados do cotidiano medieval. Mário Jorge Bastos entende que, por meio da produção de textos religiosos medievais é possível comprovar que as relações sociais são também uma preocupação da divindade, que se manifesta por meio da sacralização dos laços de dependência, da fidelidade e dos vínculos pessoais.⁵² A retórica do cristianismo revela uma profunda interligação entre o plano terrestre e o celestial, não como simples estratégia de legitimação da ordem social, mas como resultado da profunda imbricação entre as relações sociais de produção e o plano religioso.

No capítulo segundo de A DSG, *Na corte do rei Artur*, quando se celebra o então santificado dia de Pentecostes, é chegada a hora de servir o banquete, e em diálogo com uma das damas, Quéia, o rei Artur reafirma a tradição de não permitir que se coma antes da realização de uma aventura:

[...] este meu costume mantive sempre desde que fui rei e mantereí enquanto viver. E pelas grandes aventuras que na minha corte acontecem, chamam-me rei aventureiro; e por isso mantereí as aventuras, porque, a partir da época em que deixarem de acontecer, bem sei que a Nosso Senhor não agradará que muito eu reine daí em diante.⁵³

Portanto, a narrativa sublinha a superioridade da vontade de Deus sobre o poder do rei. Artur ainda vincula as maravilhas e boa aventurança de seu reinado ao bom

⁵² BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na Terra como no Céu*. Paganismo, Cristianismo, Senhores e Camponeses na Alta Idade Média Ibérica (Séculos IV-VIII). São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

⁵³ MEGALE, Heitor (trad.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988, p. 30.

relacionamento que mantém com o plano superior, no qual ele, como rei bom e cristão, obedece às leis estabelecidas pelo soberano divino.

Nas palavras de Maria Filomena Coelho, em artigo sobre as estratégias eclesiais da política monárquica:

o monarca, como cabeça política da comunidade dos cristãos em seu reino, também tem responsabilidades e, tal como nas demais tarefas da arte de governar (*ars regendi; ars regnandi*), deve pensar primeiro no bem comum e garantir, por meio dos benefícios religiosos distribuídos, a eficácia da igreja.⁵⁴

O rei medieval, a depender da situação, recorre ao discurso eclesial para fortalecer seu poder, com uma abrangência que alcança também a esfera religiosa. Assim, é seu dever defender a Igreja, inclusive dos próprios clérigos, cujas ações possam por em perigo a instituição.

A fonte apresenta a imagem de um rei temente a Deus, ao seu senhor, o Cristo, e às suas tradições, demonstrando que a forma de se perpetuar as condições favoráveis de seu reinado é mantendo a obediência e o respeito aos costumes, e, assim, agradando ao senhor dos senhores.

No episódio *Galaaz, Boorz e o cavaleiro da besta ladradora*, que trata, ao final, de como Esclabor se converteu ao cristianismo, a estratégia revela-se quase impositiva. Após ouvir uma voz, em tom ameaçador, o pagão resolve tornar-se cristão:

Homem infeliz e pobre de juízo, já te livreí duas vezes de perigo da morte e nunca me deste galardão. Eu deitarei sobre ti minha vingança, se te não reconheceres culpado diante de mim, e a vingança será tão maravilhosa, que em todo o mundo será sabida.⁵⁵

O trecho encerra a ameaça do senhor que, apesar de ter beneficiado amplamente seu vassalo por duas vezes, este ainda não lhe rendeu o serviço correspondente. Note-se que, pela passagem, não se percebe que o vassalo tenha demandado o benefício com anterioridade, ou que, portanto, tenha se colocado sob a jurisdição do senhor de livre e espontânea vontade. Trata-se de uma situação decorrente da própria natureza jurídica que ata os homens a Deus desde os primórdios, um laço ao qual não se pode fugir. O serviço a Deus é inescusável.

⁵⁴ COELHO, Maria Filomena. “Não há que duvidar, pois a Igreja o determina”: Estratégias Eclesiais da Política Monárquica (Portugal, Séc. XV). *Veredas da História*, [online], v. 10, n. 2, 2017, p.297. Disponível em:

<http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/325/251>

Acesso em: 23 nov 2018.

⁵⁵ MEGALE, op. cit., p. 110.

A necessidade de conversão ao cristianismo e de sua conseqüente legitimação são apresentadas pela crença de que Cristo é o único e verdadeiro caminho a seguir. A aventura se transforma em uma espécie de fábula, com alto teor catequizador e de conteúdo moralizante, ainda com elementos carregados de significados evangélicos que pretendem promover uma profunda mudança de valores naqueles que se convertiam ao cristianismo. Sobre essas transformações, Hilário Franco Júnior explica:

[...] a relação com Deus era vista pelo homem medieval como de direitos e obrigações recíprocas. Essa interpretação ganhou contornos claros com o feudalismo, mas isso não significa que a religiosidade estivesse refletindo a nova realidade das instituições sociais, políticas e econômicas. Ao contrário, estas é que passaram a se adequar melhor ao contratualismo mental. [...] acreditava-se que todas as boas ações praticadas pelos homens formavam uma espécie de reserva de virtudes, ou tesouro, como se chamou desde fins do século XII ou princípios do século XIII.⁵⁶

No início da novela é relatado o caso de um cavaleiro que morre de forma brutal e misteriosa, que será desvendado mais adiante. Ele levava uma carta, a qual chega às mãos de Artur por meio do cavaleiro Norgales. O rei descobre, ao lê-la, que o cavaleiro morto se encontrava em grande pecado, pois havia se deitado com a mãe e a irmã, matando-as logo em seguida. Posteriormente, seu pai e seu irmão, ao descobrir o crime, vingaram-se. Artur, depois de saber o que de fato havia ocorrido com o cavaleiro, sem mais sentir pesar por sua morte, declara: “agora podemos saber por que este cavaleiro morreu tão cruelmente. Sabei que isto foi vingança de Jesus Cristo.”⁵⁷ A morte dramática e exemplar do cavaleiro é apresentada como justiça divina. Nas palavras de Artur, Cristo assume o papel de juiz supremo, cumprindo seu papel de cabeça política, de acordo com a lógica feudal.

Importante questão a ser abordada nesta análise trata da postura do cavaleiro da Távola Redonda em *A DSG*, cumprindo com suas obrigações para com a instituição da cavalaria, a serviço do rei, mas também, e principalmente, a serviço da Igreja. Para Adriana Zierer, as concepções política e filosófica da cavalaria como ordem em *A DSG* ficam bem expressas e se coadunam para o ideal cristão de maneira a legitimar e cristalizar os princípios e normas estruturados e impostos pela Igreja:

A ideologia cavaleiresca buscava apresentar um grupo de cavaleiros ideais como modelo aos nobres, estabilizar os conflitos dentro da nobreza na disputa por terras (nobres com/sem propriedades), garantir os privilégios de clero, dos aristocratas mais poderosos e dos reis em ascensão. Por fim, intentava conservar a estrutura social, de forma que, grupos desprivilegiados, como camponeses, trabalhadores urbanos e comerciantes em geral, não

⁵⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 119-120.

⁵⁷ MEGALE, op. cit., p. 47.

tivessem acesso à cavalaria, entendida como uma ordem superior e que somente poderia ser composta por elementos da nobreza. **Em *A Demanda do Santo Graal*, os bons nobres, são os cavaleiros cristãos, obedientes ao clero e aos propósitos da instituição clerical.**⁵⁸

Não se pretende neste trabalho tratar da questão da nobreza dentro da cavalaria e de como em certo momento da baixa Idade Média ambas se fundiram numa mesma esfera hierárquica. Todavia, a reflexão de Zierer sintetiza a ideia que a narrativa pretende passar. É a imagem do cavaleiro que luta pelos seus ideais, que persegue a justiça e a honra em seus feitos, que cumpre com seus deveres como vassalo, mas que em primeiro lugar, é cristão e serve à santa Igreja como fiel feudatário.

O lugar privilegiado que a ordem eclesiástica ocupa na sociedade feudal baseia-se na função essencial e especial que seus membros adquiriram. Eles pretendem ter o monopólio do conhecimento das coisas divinas e da intermediação entre os humanos e Deus. Portanto, a Igreja assume um papel chave na construção da *respublica christiana*.

No episódio em que Galaaz adentra na aventura do mosteiro e busca pelos seus significados, um escudeiro que o acompanha apresenta-lhe de forma pormenorizada as interpretações das “três coisas duvidosas” – o significado da pedra, do cavaleiro e do cavaleiro da paixão de Jesus Cristo. Ao fim da última interpretação, o narrador alega que Robert de Boron⁵⁹ não ousou traduzir essa parte:

[...] porque os segredos da santa Igreja não os quis ele revelar, porque não convém que os saiba homem leigo. E, de outra parte, tinha medo de revelar a demanda do santo Graal, como a verdadeira estória do latim a conta, porque os homens, enquanto não sabem, ao estudar, caem em erro e em menosprezo da fé. [...] porque devemos louvar os segredos da santa Igreja, nem direi mais, segundo o meu poder, do que à estória convém, pois não convém ao homem descobrir os segredos do alto Mestre.⁶⁰

O conhecimento não é franqueado ao homem leigo da sociedade medieval e assim deve permanecer para que este não caia no erro e perca sua fé. A narrativa reproduz esse cuidado por meio de uma estratégia de segredo, impedindo que o leitor conheça o que o personagem disse sobre o “cavaleiro da paixão de Cristo”.

Ao dissertar sobre o monopólio da escrita e da transmissão da palavra divina em *A civilização feudal*, Baschet elucida sobre a proibição, que na verdade se configura mais como uma restrição, ao acesso à Bíblia por laicos. Não se trata de uma lenda prosificada, mas do livro mais importante para a cultura cristã ocidental. Entretanto, a

⁵⁸ ZIERER, Eleitos versus Pecadores..., op. cit., p. 212.

⁵⁹ Poeta francês que viveu entre os séculos XII e XIII. Nascido provavelmente no vilarejo de Boron – território de Beaufort, França – foi autor de vários títulos sobre as lendas arturianas e o primeiro a dar um sentido cristão ao mito do Santo Graal.

⁶⁰ MEGALE, op. cit., p. 67-68.

analogia é apropriada porque o autor retoma a questão do controle do clero sobre a divulgação e a interpretação no que concerne aos segredos do plano divino:

É posto, então, o problema do acesso a laicos à Bíblia. Embora a Igreja proíba com extrema severidade a posse do texto bíblico pelos laicos, em particular, quando confrontada com focos de heresia, geralmente se esforça para restringir o acesso ao texto sagrado, mais do que impedi-lo totalmente. Assim, muitas vezes os laicos possuem certos livros bíblicos, em particular o de salmos, no qual se aprende a ler, mas não a Bíblia completa. Sobretudo, para eles, os clérigos prescrevem o recurso a versões glosadas do texto bíblico, quer dizer, dotadas da interpretação julgada correta.⁶¹

O conteúdo das sagradas escrituras é de posse exclusiva dos *oratores*, que detêm a autoridade e o conhecimento para ler e interpretar da forma mais conveniente à manutenção da ordem feudal-cristã. Constitui-se, portanto, em uma forma de legitimação da autoridade clerical, pois esta é a única detentora de tal privilégio em uma sociedade altamente hierarquizada e cristianizada.

No capítulo em que Adriana Zierer trata do rei no imaginário medieval, há uma elucidação sobre este contexto no qual a Igreja se posiciona de forma a manter as rédeas do poder régio como forma de legitimar sua tarefa de vigilância e de controle sobre a sociedade laica, que incluía a pessoa do rei:

Quanto ao papel da Igreja nesse processo era o de sacralizar a função régia e controlá-la. Ao mesmo tempo em que reconhecia o caráter sagrado do rei, buscava negar a união entre *rex/sacerdos* (rei e sacerdote). Se o rei não lhe obedecia era excomungado e considerado sem as suas prerrogativas divinas.⁶²

O trecho da narrativa deixa uma mensagem implícita, até mesmo sutil, mas indicativa de que, apesar de toda autoridade régia, tanto o monarca como os demais níveis hierárquicos da sociedade medieval deveriam se reportar às diretrizes evangélicas enunciadas pela santa Igreja Católica.

Em se tratando de modelo ideal de cavaleiro cristão, o destaque, indubitavelmente, vai para Galaaz. Filho bastardo de Lancelot com a filha do rei Peles, Helena, o jovem cavaleiro é o escolhido para levar a cabo as aventuras da demanda por todos os seus atributos que o qualificam como um verdadeiro santo. Bom guerreiro, formoso, temente a Deus, virgem, bondoso e modesto. Todas essas virtudes cristãs personificadas em um único ser. Durante toda a demanda, Galaaz mostrou um comportamento pautado nas premissas cristãs. Sempre fez prevalecer sua condição de vassalo de Cristo antes de vassalo de seu grande senhor, rei Artur. Nunca se esquivou de suas obrigações, porém demonstrou, em suas ações, uma fidelidade primordial à santa

⁶¹ BASCHET, op. cit., p. 182.

⁶² ZIERER, op. cit., p. 291.

Igreja. Mais uma vez, Rita de Cássia Pereira apresenta em seu texto explicações que ajudam a esclarecer a respeito da importância da representação do personagem do jovem cavaleiro como difusor dos ideais da doutrina cristã na obra:

Figura singular em meio ao rebanho difuso do ambiente laico, Galaaz é um ser privado de qualquer dimensão histórica. A representação estereotipada de sua vida concreta acabou por dissociá-lo do homem comum e aproximá-lo do ideal de santidade.⁶³

Galaaz de A DSG representa muito mais o plano celeste que o terreno, suas ações o aproximam mais do homem puro que virá a se tornar o homem comum após o seu burilamento espiritual do que qualquer cavaleiro do período. Este contraste permanece nítido na narrativa, denotando um propósito de incutir o ideal de santidade na mentalidade cavaleiresca. Corroborando as elucidações acima, Zierer explica o propósito maior de A DSG por meio da representação simbólica de Galaaz como um arquétipo do cavaleiro cristão medieval. Um ideal de molde evangelizador, com características praticamente inacessíveis para o comportamento humano, mas que geraria grande impacto no seio da sociedade cristã e cavaleiresca medieval e que, mesmo paulatinamente, acabaria por ter implicações positivas para o fortalecimento da imagem da ordem clerical:

A Demanda do Santo Graal representa ainda que o objeto sagrado só estaria ao alcance dos humanos na outra vida, desde que estes fossem conduzidos no caminho correto pela representante de Deus na terra, a Igreja Católica, assim como Galaaz pautou suas ações.⁶⁴

A imagem de Artur retratada em A DSG, apesar de ser exaltada por seu grande prestígio como monarca bom, justo e corajoso, não é a de um ser perfeito. Ele é um rei, com toda sua conotação real e sagrada, porém, é pecador. Nesta versão cristianizada da lenda arturiana, o monarca tem um filho bastardo: o pequeno Artur, embora a narrativa não tire grandes consequências da informação. Na verdade, a revelação dessa circunstância parece querer apenas ajudar a sublinhar a condição humana do rei e contrastá-la com o ideal de santidade.

Artur não mantém, ao fim da demanda, a bem aventurança de seu próspero reino. Embora não sejamos informados claramente sobre os motivos, é possível intuir que os pecados do rei e dos vassalos afetam o destino de todos. Ainda assim, a glória e a notoriedade do lendário monarca suplantam as suas vicissitudes. Com a sua morte ao

⁶³ PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII. *Revista Brathair* 7(2), 2007: p. 69.

⁶⁴ ZIERER, Adriana. *Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal*. Uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Editora UEMA, 2013, p. 167.

fim da narrativa, seu nome permanece imaculado e suas ações são honradas perante a cavalaria, Cristo e, conseqüentemente a Igreja:

De tal modo como vos conto, matou rei Artur Morderete e Morderete o feriu de morte. E isto foi grande mal e grande dano, porque não houve, depois de rei Artur, rei cristão tão venturoso e que tão bem fizesse seus feitos e que tanto amasse e honrasse cavalaria.⁶⁵

Como ordem superior organizada, a Igreja fortalece as relações senhoriais e vassálicas, chegando mesmo a sacralizá-las. Tais lógicas de hierarquia e dependência não se resumem ao mundo laico, mas reproduzem-se igualmente no mundo eclesiástico, no qual alcançam grande vitalidade e sofisticação, como se pode comprovar pelas regras monásticas e as cadeias de dependência e obediência que configuram as redes diocesanas e pontifícias. Para Baschet, é evidente o papel que esta instituição exerce no período:

[...] a Igreja é o pilar fundamental do sistema feudal. Sua dominação parece espacial e temporalmente coexistente ao feudalismo, e não existe um traço que faça melhor sentir a unidade da Idade Média, desde a Antiguidade tardia até os Tempos Modernos, do que a dinâmica permanente de afirmação da instituição eclesial.⁶⁶

Sustentáculo dessa lógica organizacional, a Igreja, como representante em sua globalidade de toda a comunidade cristã, exerce, de forma hegemônica, os ditames nas relações de vassalagem. Entretanto, mais uma vez recorrendo às palavras de Maria Filomena Coelho, o poder régio e o poder clerical se correspondem de maneira a promover o fortalecimento e a legitimação um do outro: “A monarquia, como se sabe, não prescinde do mundo eclesiástico e sempre que pode se associa a ele, como forma de fortalecer sua imagem.”⁶⁷ A narrativa intercala um discurso de consagração da imagem do monarca como soberano terreno bom e justo, com o da Igreja, intermediária do reino celeste, sendo uma grande suserana das relações feudo-vassálicas do sistema vigente.

Há que se salientar a importância de ser um cristão na Idade Média e de sua relação intrínseca com o sistema feudal. No momento em que os cavaleiros da “mesa redonda” são surpreendidos com a graça do Santo Graal, maravilhados e perplexos com essa sagrada revelação, o rei Artur se dirige aos seus mais bravos e leais companheiros demonstrando sua gratidão, obediência e respeito a Deus: “– Com certeza, amigos,

⁶⁵ MEGALE, op. cit., p. 496.

⁶⁶ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2004, p. 245.

⁶⁷ COELHO, op. cit., p. 309.

muito devíamos estar alegres, que Deus nos mostrou tão grande sinal de amor, que em tão boa festa como hoje, de Pentecostes, nos deu a comer de seu santo celeiro.”⁶⁸

É, de fato, uma relação de troca, de serviço e benefício, a divindade superior se mostra satisfeita com o comportamento humano e, como retribuição, concede aos fiéis honras e glórias dignas de um bom cristão. De um cristão que tem a obrigação de demonstrar a fidelidade (fé) ao senhor, por meio de atos públicos:

A fé medieval refere-se menos ‘a crença íntima do que à fidelidade no sentido feudal do termo, quer dizer, uma fidelidade prática, manifestada por atos, palavras e gestos. Sobretudo, não seria questão de escolha pessoal: é-se cristão porque se nasce no cristianismo. É uma identidade herdada (pelo ritual do batismo), que não se discute.’⁶⁹

Por fim, interessa destacar o episódio da espada cravada na pedra, pois se trata de um aspecto essencial na lenda arturiana. Excalibur é a espada destinada ao uso exclusivo do rei Artur, que por encantamento do mago Merlin só pode ser retirada de lá pelas mãos do seu dono por direito. Essa elaboração diz muito sobre o caráter mítico da ficção arturiana, porquanto eleva sua imagem ao patamar do sobrenatural e do imaginário. Do mesmo modo, realça a legitimidade do poder do monarca ao nível transcendental de autoridade.

Quando vê a espada presa à pedra na margem do rio, Artur fala aos seus cavaleiros:

– E, amigos, disse ele, novas vos direi. Ora, sabei que por esta espada será conhecido **o melhor cavaleiro do mundo**, porque esta é a prova pela qual se há de saber; e nenhum, se não for **o melhor cavaleiro do mundo**, poderá sacar a espada desta pedra.⁷⁰

Ao dizer isto, Artur ordena a Lancelot que saque a espada, visto que o considera como melhor cavaleiro do mundo. A opinião é unânime no reino de Logres, exceto a do próprio. Lancelot, que não se reconhece merecedor de tal feito, nem ousa tentá-lo, pois acredita que não deva pôr as mãos no objeto pertencente ao homem que é digno de tamanha graça. O cavaleiro reconhece o caráter sagrado da posição de seu suserano e entende que deveria obedecer à sua ordem por ser seu vassalo. No entanto, sobrepõe a sua fidelidade ao fato de não se achar merecedor de tal honra – arrancar a espada da pedra caracterizaria o cavaleiro não somente como forte e imbatível, mas também como detentor de graça especial. O caráter humilde do cavaleiro se manifesta como a virtude essencial do *milites Christi*. Assim se revela mais uma ação sacralizadora na narrativa.

⁶⁸ MEGALE, op. cit., p. 42.

⁶⁹ BASCHET, op. cit., p. 168.

⁷⁰ MEGALE, op. cit., p. 31.

A atuação do cavaleiro, por meio de sua postura, se ajusta ao modelo de santificação proposto pela clericalização da sociedade laica.

O fim da aventura se apresenta de forma diferente do que ocorre em outras versões das lendas arturianas. Quando Galaaz chega à corte e ocupa seu lugar por direito no assento perigoso, o rei e os cavaleiros se regozijam com o fato da Távola Redonda estar quase completa – faltava Tristão. Ocorre então que a corte almeja resolver o caso da espada incrustada na pedra. Assim, Artur solicita que Galaaz tente sacar a espada, pois acredita, a partir deste momento, que nenhum outro homem será capaz de fazê-lo. Segue, dessa forma, o desfecho:

– Então pegou Galaaz a espada pelo punho e puxou-a tão facilmente, como se não estivesse presa a nada. E depois, pegou a bainha e meteu-a dentro e cingiu-a logo, e disse ao rei: – Senhor, agora já tenho a espada, mas o escudo não tenho. –Amigo, disse o rei, pois Deus e a ventura vos a espada deu, não tardará muito o escudo.⁷¹

Galaaz, e não Artur é quem recebe a graça de ser o portador da prodigiosa espada em A DSG. A narrativa aponta, portanto, para a importância das virtudes clericais como definidoras do cavaleiro cristão. O melhor cavaleiro do mundo se manifestou na representação de um jovem corajoso, com extraordinária habilidade cavaleiresca, vassalo fiel do grande rei, mas, sobretudo, obediente aos princípios cristãos e a Deus.

O cavaleiro responsável por findar as aventuras do Santo Graal assume o modelo de virtude clerical que a Igreja elabora para si e para o corpo social laico. Por conseguinte, estabelece-se a simbiose do discurso feudal e cristão, comprovando a inter-relação das esferas de poder espiritual e temporal, e reiterando *A Demanda do Santo Graal* como modelo político feudo-vassálico.

⁷¹ Ibidem, p. 38.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mas o poder de ascendência de Arthur vai ainda mais longe. [...] os personagens de que se cerca vão desenvolver em sua companhia dois dos grandes mitos da Idade Média que ilustram duas das características mais profundas dessa época: por um lado o grupo guerreiro e por outro o mistério religioso. Com doze de seus cavaleiros, Arthur funda e dirige um lugar excepcional de reflexão guerreira, a Távola Redonda. Dela nasce outra grande produção imaginária suscitada por Arthur: o famoso Graal. Misterioso e deslumbrante objeto criado por Deus, o Graal é o produto mais prestigioso da cristianização do mundo de guerreiros medievais. E ainda não é tudo: advindo de um passado lendário, Arthur prepara o futuro escatológico que prediz o milenarismo cristão. O que o espera em Avalon não é apenas seu retorno vitorioso sobre a terra, é também a condução da humanidade para o Julgamento Final e a eternidade.”⁷²

A imagem do lendário monarca perpassa séculos e adentra os dias atuais com a mesma intensidade e vivacidade de centenas de anos atrás. Contos e estórias de um guerreiro imbatível, de um grande chefe e rei, percorreram o imaginário da antiguidade tardia, solidificando-se no medievo e eternizando-se na contemporaneidade.

Em *A Demanda do Santo Graal*, Artur partilha o protagonismo de suas ações com os seus mais fiéis e corajosos companheiros de luta, os famosos cavaleiros da Távola Redonda e relega a atenção da narrativa a um elemento miraculoso e sagrado, o Santo Graal. É desta maneira que se constitui a fórmula para uma das mais significativas obras literária produzidas na Idade Média. Com um discurso cristão e visivelmente hierarquizado, o romance de cavalaria exhibe os traços característicos da sociedade feudal e cristã do Ocidente medieval.

Em um primeiro momento, a partir de uma pincelada nas principais abordagens historiográficas brasileiras sobre A DSG, percebe-se que as possibilidades de pesquisa com a utilização da narrativa são, praticamente, inexauríveis. A análise de episódios, personagens e elementos que moldaram o enredo da narrativa serviu, em diversos momentos, para enriquecer trabalhos fundamentais no campo das humanidades, especialmente para conhecer a história do medievo.

O segundo e o terceiro capítulos trataram de apresentar aspectos da cultura feudal, na qual os agentes que interpretavam a vassalagem e a soberania agiam de acordo com a lógica de dependência hierárquica que alimentaram todos os âmbitos da vida em sociedade e também serviam para explicar o plano celestial.

⁷² LE GOFF, Jacques. *Homens e Mulheres da Idade Média*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013, p. 378.

Os componentes elencados para a composição deste estudo são a nobreza cavaleiresca e o corpo eclesiástico, como representantes das duas ordens superiores da sociedade – *belatores* e *oratores*. Os dois grupos em diálogo permanente com a emblemática figura do poder régio. As relações entre esses personagens na narrativa ditaram o rumo desta pesquisa.

No segundo capítulo tentamos compreender como se organizaram as relações de vassalagem entre o poder régio de Artur e de seus honrados cavaleiros da Távola Redonda. Pela leitura e análise de alguns trechos da novela de cavalaria, concluiu-se que na corte de Camelot estabeleceu-se o pacto feudal. Os termos e as particularidades características do sistema estão claros nas passagens estudadas e expostos nas falas dos personagens. O compromisso estabelecido entre as duas partes se confirma em vários momentos, enquanto que em outros, acrescentam-se elementos de uma relação amistosa e afetuosa. Artur não é somente o maior monarca que todo o reino de Logres já teve, mas também encarna a imagem de um rei justo com seus súditos, de acordo ao ideal que corresponde à cabeça política cristã. Seus vassalos não o deveriam enxergar somente como rei, mas também como um pai muito querido. Le Goff sintetiza bem a figura de Artur que a tradição literária consagrou: “[...] mais que do guerreiro e do cavaleiro, Artur é a encarnação mítica do líder por excelência das sociedades políticas medievais, o rei.”⁷³

No terceiro capítulo aprofundamos os aspectos da relação vassálica, por meio de sua face clerical. A cavalaria, o poder régio e a autoridade religiosa da cristandade ocidental formam um grupo que, apesar de suas funções específicas, compartilham um objetivo comum: a defesa e promoção da *respublica christiana*. Para Le Goff,

a cavalaria foi a expressão mais característica do feudalismo, [...] ela combinou o seu caráter aristocrático com o ritualismo religioso e as instituições monárquicas de modo definitivo e com bastante facilidade.⁷⁴

O temor externado pelo rei Artur ao manter a tradição em sua corte inalterada para que o Cristo permanecesse satisfeito com sua conduta, garantindo assim, a longevidade e prosperidade do seu reino; a ameaça a um dos cavaleiros para que se convertesse ao cristianismo como forma de agradecimento e reconhecimento da bondade divina pelos males evitados àquele; a preocupação em se manter os segredos da santa Igreja restritos ao clero para preservar o monopólio eclesiástico da interpretação das sagradas escrituras; a fidelidade aos preceitos evangélicos

⁷³ Ibidem, p. 33.

⁷⁴ Ibidem, p. 93.

sobrepondo-se à fidelidade senhorial/régia são alguns exemplos da influência do modelo clerical sobre a sociedade laica.

A DSG, para além de ser uma narrativa cristã, é, sobretudo, uma narrativa clerical, que tem por objetivo promover a clericalização do poder. Essa clericalização é reafirmada em cada discurso e fala dos personagens aqui referenciados. O monarca, os cavaleiros e a presença simbólica da Igreja na narrativa conduzem ao entendimento de que o corpo social do medievo se caracteriza pelas relações de vassalagem propostas por esse modelo sacralizador. As relações feudo-vassálicas se ajustam para a sacralização do poder que, por meio da hierarquização do sistema, promovem a santificação da sociedade, pautadas na virtude e honra clericais.

A Demanda do Santo Graal, como um conjunto narrativo literário do período medieval, expõe os ideais a que aspiravam as ordens superiores da sociedade, transformando uma história de grande tradição no Ocidente, de acordo às mudanças que se operavam na sociedade feudal, com especial destaque para o fortalecimento da Igreja.

REFERÊNCIAS

Fonte Primária

MEGALE, Heitor (trad.). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

Bibliografia

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao feudalismo*. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

BASCHE, Jérôme. *A Civilização Feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2004.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na Terra como no Céu*. Paganismo, Cristianismo, Senhores e Camponeses na Alta Idade Média Ibérica (Séculos IV-VIII). São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

COELHO, Maria Filomena. “Não há que duvidar, pois a Igreja o determina”: Estratégias Eclesiásticas da Política Monárquica (Portugal, Séc. XV). In: *Veredas da História*, [online], v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/325/251> Acesso em 23 nov 2018.

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Maravilhas e aventuras n’ A Demanda do Santo Graal. *Espéculo*, 45, 2010. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero45/sinalesp.html>. Acesso em: 08 set 2018.

FLORI, Jean. *A Cavalaria*. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Tradução de Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.

FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

GUERREAU, Alain. *O Feudalismo*. Um horizonte teórico. Lisboa: Edições 70, s/d.

JUNQUEIRA, Renata Soares. O triste destino de Tristão na versão portuguesa d' A Demanda do Santo Graal. In: Lênia Márcia Mongelli (Org). *Atas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais (04 a 06 de Julho de 1995)*. São Paulo: USP; Campinas: UNICAMP; Araraquara: UNESP, 1995, pp. 349-357. APUD MACEDO, José Rivair. O Sangue nos Romances Arturianos. In: *Revista Brathair* 3 (2), 2003: 35-43. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/639-1764-1-PB.pdf>. Acesso em 24 nov 2018.

LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. *Homens e Mulheres da Idade Média*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Tempo Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. TESTA, Eliane Cristina. TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. O imaginário cristão nas novelas de cavalaria e nas cantigas de amor. COSTA, Ricardo da (coord.) In: *A educação e a cultura laica na Idade Média. Mirabilia* 6. Jun-Dez 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/DialnetOImaginarioCristaoNasNovelasDeCavalariaENasCantiga-2227063.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII. In: *Revista Brathair* 7 (2), 2007: 50-79. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/524-1628-1-PB.pdf>. Acesso em 24 nov 2018.

SILVA, Ademir Luiz da. Távola Redonda e a Nova Cavalaria de Raimundo Lúlio. In: *Revista Mosaico*, v.6, n.2, p.213-220, jul.dez. /2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2881-8585-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. As artimanhas do diabo em A Demanda do Santo Graal. In: *Revista Brathair* 12 (2), 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/757-2169-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Configuração do Mal na Demanda do Santo Graal. In: *De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. Congresso Cavalaria, 2012. Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/87-100.pdf>. Acesso em: 20 nov 2018.

SOUZA, Neila Matias de. *Modelando a Cavalaria: Uma análise da Demanda do Santo Graal*. 2011, 201 páginas. Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1547.pdf>. Acesso em: 24 nov 2018.

ZIERER, Adriana. Artur nas Fontes Ibéricas Medievais (Parte I): A Demanda do Santo Graal. In: *Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal: Uma outra viagem pela Idade Média*. São Luís: Editora UEMA, 2013.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. Eleitos versus Pecadores: O ideal cavaleiresco n' A Demanda do Santo Graal. In: *Revista Crítica Histórica*. Ano IV n° 7, julho-2013. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/2914-10665-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/2914-10665-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 24 nov 2018.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. Imagens Femininas n' A Demanda do Santo Graal. In: *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza*, 2009. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1281.pdf>. Acesso em 25 nov 2018.

ZIERER, Adriana. O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII. In: *Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal. Uma outra Viagem pela Idade Média*. São Luís: Editora UEMA, 2013.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Camila Cardoso dos Santos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado, “*A Demanda do Santo Graal* como modelo político feudo-vassálico”, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 6 de dezembro de 2018.

Camila Cardoso dos Santos